

Lobato: feiticeiro, ilusionista e educador brasileiro

Renata Pimentel

*Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
renatapimentel@gmail.com*

Resumo:

A literatura infanto-juvenil de Monteiro Lobato é foco deste artigo, que busca contribuir para a reflexão sobre a importância e as dimensões do projeto de criação de um universo literário crítico para a formação de leitores, com vistas à ação pragmática em busca da utopia de uma nação mais desenvolvida. Em obras como *Memórias da Emília*, *A Reforma da Natureza* e *O Picapau Amarelo*, focamos ainda a ‘tropicalização’ da cultura eleita como *paideuma* de aprendizado no ambiente brasileiro e ficcional do Sítio. Como apoio teórico, recorremos a estudiosos como Lajolo (1985; 1997); Lajolo e Ceccantini (2008), Crespo (1997), Santos (2011), entre outros.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; Literatura infanto-juvenil; Tropicalização; Formação de leitores.

Abstract:

Monteiro Lobato’s literature for children and youth is the objective of this article, which aims to contribute to the reflection of the importance of Lobato’s project of a literary and critical universe for the teaching of readers. His work can be understood as a pragmatic action for the utopian search of a more developed nation. In this paper, we study how he created, in the fictional space of the “Sítio do Picapau Amarelo”, a Brazilian environment, full of native references, especially in the works *Memórias da Emília*, *A Reforma da Natureza* and *O Picapau Amarelo*. The ideas of Lajolo (1985; 1997); Lajolo e Ceccantini (2008), Crespo (1997), Santos (2011) and others are mentioned in the development of our analysis.

Keywords: Monteiro Lobato; Literature for children and youth; Readers teaching.

Fazer livros para crianças é das coisas mais sérias, nas quais é preciso não só trabalhar com inteligência e coração, mas com uma elevada argúcia e cuidado.

Monteiro Lobato

Neste breve artigo iremos falar de um sujeito que, sobretudo no contexto brasileiro, deveria dispensar apresentações. Porém, como já aproveitamos para direcionar as reflexões que sobre ele queremos propor, seguem algumas linhas sobre o múltiplo José Bento Monteiro Lobato: nasceu em 1882, em Taubaté (SP) e dedicou-se (até sua morte, que se pode considerar precoce, em 1948, aos 66 anos) a diversas atividades. Atuou em diversas “frentes”: foi escritor, editor, empresário, crítico, tradutor e um dos intelectuais brasileiros mais atuantes e significativos da nossa história; justamente porque na sua forma de agir, Lobato era um ‘intelectual orgânico e pragmático’, podemos dizer: além de estudar, refletir, questionar, ia a campo e à ação efetiva para, empiricamente, testar suas proposições e suas ousadias e contribuir para a criação da realidade a que almejava.

Com espírito inquieto e questionador, aventurou-se - em sua produção literária - por campos diversificados e essenciais na vida e na construção do cidadão, a exemplo da literatura infantil — com destaque para as clássicas histórias do *Sítio do Picapau Amarelo* —, da literatura adulta e das discussões políticas e econômicas do País (com artigos, cartas e outros textos agrupados em diversos volumes). E, embora não seja o nosso foco discutir o cânone ou o conceito de clássico, por que não abrimos mão deste adjetivo ao mencionar as narrativas do *Picapau Amarelo*? Apenas deixamos ecoar as palavras de Jorge Luís Borges, para traduzir o lugar de onde falamos, em relação à obra para crianças de Lobato:

Clássico não é um livro (repito) que necessariamente possui estes ou aqueles méritos; é um livro que as gerações de homens, urgidas por razões diversas, lêem com prévio fervor e com uma misteriosa lealdade. (BORGES, 1999, p. 169)

Trata-se, pois, de uma obra extensa, diversa, capaz de provocar polêmicas e reflexões até hoje, pois, além do engajamento intelectual – que levou Lobato a escrever em jornais e revistas e a manter extensa correspondência com amigos, outros escritores e até leitores infantis -, o pragmatismo nas questões em que atuou sempre o levou a ações efetivas: alguns exemplos são o seu envolvimento com as questões do Petróleo e do Ferro; da saúde pública; da lavoura e da luta contra as pragas de formigas saúvas; a criação de uma editora, entre tantas.

Se retomamos sua célebre frase: “um país se faz com homens e livros” (presente em *América*, de 1932), parece-nos legítimo inferir que tinha, entre seus planos de ação (os quais revela claramente ao se dedicar como editor a erigir/ solidificar/ até mesmo revolucionar este ramo no Brasil), o objetivo mais profundo de “fundar um novo país”; ou, no mínimo, o desejo de ver o Brasil em novos e melhores rumos de efetivo desenvolvimento. Em certa altura, como estratégia de eficácia maior para sua luta, decide dedicar-se à formação do leitor-em-gênese:

Ando com ideias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do *Robinson Crusóé* do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim, morar, como morei no *Robinson* e n’*Os Filhos do Capitão Grant*. (LOBATO, 1964b, p. 292- 293)

Assim, empenha-se mais e mais, até o final de sua vida, a criar e recriar suas histórias infantis, compondo um sólido e coerente projeto de literatura para crianças que nos parece traduzir o claro objetivo de criar um conjunto de obra infantil no qual se tece um pensamento social que denota e instiga seu público-leitor (aqui, prioritariamente o infantojuvenil, claro, mas se estende e ecoa nos futuros adultos e, até, nos leitores adultos/ pesquisadores e professores que se utilizam de sua obra – a “misteriosa lealdade” a que alude Borges) a tornar-se capaz de demonstrar inquietações, produzir críticas e propor ações pragmáticas em relação aos mais diversos aspectos de nossa estrutura social, política e econômica.

A ideia deste artigo não é exatamente “original”, se considerado o vasto número de pesquisas e estudos que vêm sendo constantemente feitos sobre a obra e o pensamento de Monteiro Lobato (talvez tão intensa pesquisa quanto os ataques e as perseguições a este intelectual polêmico), mas nos parece fundamental contribuir para a reflexão sobre a importância e as dimensões deste projeto lobatiano de formação de leitores com vistas à ação pragmática em busca da utopia de uma nação mais desenvolvida. Segundo Regina Crespo:

A crença de Lobato no progresso, no trabalho eficiente como forma de produzir riqueza, no desenvolvimento como um elemento redentor, acompanhada de sua preocupação com a construção ou, melhor, com a

definição de nacionalidade, deu a ele um perfil nacionalista, cujo ponto de partida era, porém, o da crítica permanente e jamais da apologia. Conhecer cientificamente o país, diagnosticar onde estava e qual a proporção do seu atraso e, então, pensar em alternativas, esta era a conduta de Lobato. Ora, podemos pensar que sua decisão de fabricar livros, em lugar de tecidos, sapatos ou geleias inglesas fez conjugar num mesmo projeto as pretensões do empresário e os anseios do intelectual engajado pela transformação do país. (CRESPO, 1997, p. 151)

É assim que estudiosos os mais diversos publicaram trabalhos refletindo sobre o nacionalismo de Lobato, e sobre suas ações como empresário, editor e intelectual. Entre eles, destaca-se Elisângela da Silva Santos. Em seu *Monteiro Lobato e seis personagens em busca da nação*, defende que o princípio norteador da proposta lobatiana de criação de uma literatura para crianças é oferecer material de leitura que incite à reflexão, conferindo ao leitor infantil o status de elemento principal na construção da nação futura (evoluída), porque esta criança “está capacitada para projetar e criar utopia” (2011: 41).

Lobato oferece o direito de voz a seus personagens, entre eles com destaque personagens-crianças e crianças-personagens (seus leitores infantis com os quais se corresponde aparecem em diversas de suas histórias – por exemplo a menina “rãzinha” que figura em *A Reforma da Natureza* e em *O Picapau Amarelo*¹), os quais emitem suas visões de mundo, dúvidas, reflexões e questionamentos. “Portanto, a peculiaridade desta literatura também reside nesse ponto: no aconselhar e no agir no lugar da criança, a partir de situações que pudessem transformar a fantasia em algo real” (Santos, 2011: 43).

O próprio Lobato deixa claro seu projeto de fazer do universo do Sítio do Picapau Amarelo este espaço em que cria sua utopia do mundo, em suas “memórias” imaginadas numa conversa com sua personagem boneca-gente Emília:

Queria mostrar que na minha literatura infantil, feita sob o seu comando e da turma lobatífera, havia a mais rica descrição dos mais ricos reinos do mundo encantado. O Sítio do Pica-pau Amarelo era o primeiro deles; tudo nele e com ele começava, não precisava ir para a Grécia. (LOBATO apud DANTAS, 1973, p. 123)

1 Neste livro, conferir a página 96, na qual aparece uma lista de nomes de crianças-leitores de Lobato que aparecem na narrativa, ao visitarem o Sítio. O capítulo XXIV (intitulado “Os Visitantes”) efetiva a mistura da fantasia dentro da fantasia e a incorporação do real no mundo ficcional (literalmente, Lobato faz seus leitores infantis “morarem” em seus livros, como preconizara em carta a Rangel).

O Picapau é o lugar no qual desfila seu *paideuma*: valores éticos, sociais e políticos (a democracia anárquica em que todos participam, decidem, regem e a socialização dos lucros investidos em melhorias no entorno); um matriarcado dividido entre uma avó viúva e intelectual-leitora e uma “avó por extensão”, preta, cozinheira e cuja sabedoria popular é fonte de constante consulta; estratégias didáticas (aprendizado em serões – espécies de “aulas dialogadas” - com professores se alternando, pois todos têm seus saberes e estes são valorizados); conteúdos fundamentais a serem transmitidos nas disciplinas de história, geologia, física, matemática, literatura, mitologia, cultura popular...

A porção didática da literatura lobatiana para crianças dilui-se em todos os textos e como estratégia constante. O autor não perde a chance de ensinar, mesmo nas expressões populares mais corriqueiras: “o assanhamento da criançada subiu a 100 graus, *que é o ponto de fervura da água.*” (in: *O Picapau Amarelo*, 1975: 48). Ainda sobre esses conteúdos, há outros conceitos de cultura, história, ciência e linguagem (a exemplo dos lexicais) espalhados pela obra de Lobato. Ainda neste mesmo livro, “pinçamos” outros exemplos: na página 60 pode-se conferir o conceito de mitologia; na página 61, aparecem o conceito de fisiologia e de gravidade e o sentido denotativo do vocábulo litígio...

E Lobato fez tudo isso trazendo o mundo, a cultura eleita e as personagens reais e ficcionais para o cenário do Sítio; ou seja, nada de submissão ao externo, ao estrangeiro. Ao contrário, opera uma “tropicalização” de tudo que chega ao Picapau: dos mitos e heróis gregos aos personagens históricos, fabulísticos ou mesmo a São Jorge, todos se submetem, se modificam, se afetam pelo espaço do Sítio e por seus moradores.

Lobato deslocou-se muito ao longo da vida: estuda artes plásticas, forma-se em direito e torna-se promotor em uma pequena cidade interiorana de São Paulo; com a morte do avô (Visconde de Tremembé) herda uma enorme propriedade rural e se muda para lá (assim irá conhecer o verdadeiro caboclo parasitário e infestado de doenças, e fará ruir a figura romântica do caboclismo idealizado: seu famoso e polêmico “Jeca Tatu”); irá morar ainda no Rio de Janeiro, em Buenos Aires e em Nova Iorque (onde será adido comercial do Brasil) e se encantará pela indústria do aço e pelo fordismo. Investe na indústria de extração de petróleo, na siderurgia; funda mais de uma Editora e revoluciona o modo de imprimir e vender livros no Brasil (e as capas das edições); nunca deixa de ser um escritor/

intelectual atuante e pragmático. E faz tudo isso sem se submeter a copiar os “ismos” europeus, mas invertendo essa lógica (como bem coloca Marisa Lajolo, militando na “modernidade do contra”), pois faz de seu Brasil o centro de criação e proposição estética.

Em carta ao amigo Godofredo Rangel, fala no embrião desta ideia de “tropicalização” *avant la lettre* a que aludimos:

Ando com várias ideias. Uma: *vestir a nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine*, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos — sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. *Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento, dará coisa preciosa.* As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato — espinhentas e impenetráveis. *Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta.* (LOBATO, in: *A Barca de Gleyre*, vol 2, 1964, p. 104. Grifos nossos)

Em um cenário de século XIX e início do XX no qual (conferir Leonardo Arroyo, 1968: 36-40) as crianças tinham para ler apenas traduções portuguesas e sem nenhuma adaptação de obras como as de Camões, Dante, Cervantes, a obra infantil de Lobato é uma mudança de paradigma. Segundo Leonel Vaz (jornalista e funcionário da Revista do Brasil, apud Koshiyama):

Monteiro Lobato teve o mérito de perceber a necessidade de conquistar um público exposto à produção alienígena. Para isso, tratou de cultivar o leitor infantil, inclusive introduzindo literatura nas escolas primárias, pois reconhecia a receptividade das crianças a quaisquer informações ministradas. (VAZ, apud KOSHIYAMA, 1982, p. 81)

Até as adaptações de clássicos estrangeiros encomendadas e feitas pelo Lobato editor-escritor deviam promover o “abrasileiramento da linguagem”; como escreve ao amigo Godofredo Rangel - um destes tradutores: “Estilo água de pote, hein? E ficas com a liberdade de *melhorar o original* onde entender” (in: *A Barca de Gleyre*, vol 2, 1964, p. 276). Lobato propõe, então, em sua obra infantil a invenção de um Brasil que é uma ficção a partir da invenção, do olhar e da fantasia das crianças (futuros cidadãos), as

quais agem livremente, contestam, fazem birra, se rebelam, mas aprendem com os erros a serem justas e éticas. O limiar tênue entre real e fantasia educa para o protagonismo, a criatividade, mas sem abandonar o lúdico atrativo ao infante.

Elegemos, neste artigo, algumas obras infantis de Lobato, com destaque *O Picapau Amarelo*, para discussão dos pontos que vimos aqui levantando em relação a este artista e educador pelo viés da fantasia. E este livro já principia pelo “confronto” entre o ‘mundo de verdade’ e o ‘mundo de mentira’, pelo qual se revela o Lobato criador de fantasias a partir das quais se reflete sobre o real:

O Sítio de Dona Benta foi se tornando famoso tanto no Mundo de Verdade como no chamado Mundo de Mentira. O Mundo de Mentira, ou Mundo da Fábula, é como a gente costuma chamar a terra e as coisas do País das Maravilhas, lá onde moram os anões e os gigantes, as fadas e os sacis, os piratas como o Capitão Gancho e os anjinhos como Flor das Alturas. Mas o Mundo da Fábula não é realmente nenhum mundo de mentira, pois o que existe na imaginação de milhões e milhões de crianças é tão real como as páginas deste livro. O que se dá é que as crianças logo que se transformam em gente grande fingem não mais acreditar no que acreditavam. (LOBATO, 1975, p. 47)

Vê-se claramente que não estão hierarquizados, ou melhor, estão todos somados e justapostos no mesmo status de Fábula, os personagens dos contos de fada, da literatura estrangeira para crianças (Peter Pan e Capitão Gancho, por exemplo); os heróis e mitos gregos e personagens de clássicos da literatura (Don Quixote); anões, fadas, sereias e sacis (do fabulário popular tupiniquim); anjos e até a Alice de Lewis Carroll (que Lobato traduziu e adaptou para crianças) é invocada na referência ao País das Maravilhas.

E o estatuto da imaginação é o de “não ser realmente nenhum mundo de mentira”, mas ferramenta para pensar e solucionar problemas na construção da utopia. Os adultos do Sítio (e até os animais e o sábio sabugo de milho Visconde) não só acreditam, como tomam parte no mundo da fábula. Lobato propõe uma dedução de que se o “abstrato” não existe, não pode existir nem Deus nem conceito algum como Verdade, Justiça... Assim sendo, constata-se que os adultos também crêem no abstrato, o qual Emília define assim: “- Eu sei o que quer dizer ‘abstrato’ – disse Emília. – É tudo quanto a gente não vê, nem cheira, nem ouve, nem prova, nem pega – mas sente que há.” (LOBATO, 1975, p. 47).

Aqui temos um dos conteúdos recorrentes na literatura infantil de Lobato: a reflexão sobre a língua, tanto na camada do léxico como nas suas estruturas linguísticas; tema de *Emília no País da Gramática* e também presentes em outros livros, como em *Memórias da Emília*, de onde extraímos a seguinte reflexão:

- Todo o mal vem da língua – afirmava a boneca. – E para piorar a situação existem mil línguas diferentes, cada povo achando que a sua é a certa, a boa, a bonita. De modo que a mesma coisa se chama aqui dum jeito, lá na Inglaterra de outro, lá na França de outro. Uma trapalhada infernal, anjinho. (LOBATO, 1977, p. 164)

Lobato elege um anjo como interlocutor para estas reflexões da Boneca, porque é um ente externo ao mundo humano (ou seja, representante da fantasia ou do ‘abstrato’; portanto ideal receptor das reflexões, porque desconhece polissemia, conotações, incompreensão nos diálogos). De forma sagaz, pela fala de Emília, reflete sobre os limites da língua, os paradoxos da comunicação, o poder imposto a partir de uma língua (como quando se coloniza um povo). Por isso a ele interessava tanto “vestir à brasileira” a cultura aqui consumida e criada.

E as soluções mais que legítimas do faz-de-conta (no qual a grande mestra é Emília, esta personagem que encarna o cúmulo da liberdade de ação, postura e pensamento, por ser uma ‘supra-humana’, uma encarnação da própria “fantasia-feita-vida”) espraiam-se por toda a obra. *O Picapau Amarelo* principia, então, por uma carta endereçada a Dona Benta e escrita pelo Polegar. É Emília quem consegue ler a minúscula missiva, na qual os habitantes do Mundo da Fábula expressam seu desejo de ir morar no Sítio, se obtida a permissão de Dona Benta, pois não aguentam mais de saudades deste lugar. Todo o resto do mundo é sem graça, após terem experimentado a vida no Picapau Amarelo.²

Neste livro constata-se mais um procedimento recorrente em Lobato, que poderíamos chamar a “intratextualidade”, ou seja, as referências ao conjunto da obra situada no espaço do Sítio pela invocação frequente a outras ‘aventuras’ narradas em outros volumes

² Nas páginas 52 e 53 d’*O Picapau Amarelo*, encontram-se trechos que comprovam o cânone eleito por Lobato para a formação das crianças-leitoras, mas sob transformação pela incorporação dessa cultura estrangeira ao “abrasileiramento” do espaço do Sítio. São listadas obras e personagens que se mudarão ao Sítio e suas obras de origem: As Mil e uma Noites; as personagens de Grimm, La Fontaine e Perrault e os próprios autores; D. Quixote; Alice no País das Maravilhas; Esopo e os personagens mitológicos gregos...

(conferir a página 48, em que há referências a *Reinações de Narizinho*, *D. Quixote para as crianças* e ainda *O Poço do Visconde*, por exemplo).

Voltando à narrativa de *O Picapau*, Tia Nastácia, sábia em seu pragmatismo e na administração partilhada do lugar, é quem pondera sobre os riscos dessa permissão. A partir disso, Dona Benta decide comprar fazendas vizinhas para abrigar os personagens das fábulas e instituir uma lei de convívio e respeito ao espaço do Sítio, inclusive renovando uma cerca e porteira vigiada. Respeitando-se a noção de propriedade, é proposta uma espécie de Reforma Agrária:

- Eles sempre sonharam uma coisa assim. Nunca puderam habitar sossegados numa terra que fosse unicamente deles. Uns moravam em livros, outros na cabeça das crianças. Agora *vão ser donos de um território próprio, só deles*. Vão sossegar, os coitados. (LOBATO, 1975, p. 53. Grifo nosso)

Emília é sempre chamada em casos extremos, como quando Dona Benta não consegue, pelo racional óbvio, endereçar a resposta ao Polegar, o qual não firmou endereço de remetente. Mas a boneca, segura de si, “ralha” com a “gente grande” e invoca a solução criativa do ‘faz-de-conta’: “Ah, meu Deus! Que bicho bobo é gente grande! Morrem de lidar com as maravilhas e não aprendem nada. Não aprendem essa coisa tão simples que é o ‘faz-de-conta’. Me dá aqui a carta.” (LOBATO, 1975, p. 50)³

E por ser tão adepta da fantasia que ela mesma encarna, Emília advoga sua predileção pelo Quixote, em uma declaração que irmana a capacidade de fantasia dos ‘loucos’ idealistas com a possibilidade infantil de crer na utopia: “- Acho D. Quixote o suco dos sucos. A loucura chegou ali e parou. Adoro os loucos. São as únicas gentes interessantes que há no mundo.” (LOBATO, 1975, p. 54). Aliás, este personagem revela, também, sua autonomia ‘emiliana’ em relação ao seu suposto criador: “O tal Cervantes escreveu um enorme livro em que me pinta como me imaginou – não como na realidade sou. E o mundo cruel aceita com a maior ingenuidade tudo quanto esse homem diz...” (LOBATO, 1975, p. 79).

Em trecho anterior, na página 57, Quixote afirma que Cervantes promove uma “mistificação” e se declara “atraído” pelo escritor, ai que Dona Benta responde com

³ Outro trecho da obra em que o ‘faz-de-conta’ aparece como recurso eficaz de solução pela fantasia: “- Há o ‘faz-de-conta’! Quando tudo parece perdido, eu recorro ao ‘faz-de-conta’ e salvo a situação – diz Emília” (LOBATO, 1975, p. 77).

uma reflexão sobre a história e os historiadores na qual ecoa a visão da “Nova História” proposta por Jacques Le Goff (muito posteriormente a Lobato): “- Isso é inevitável – disse Dona Benta. – Os historiadores costumam arranjar os fatos do modo mais cômodo para eles; por isso a História não passa de histórias.” (LOBATO, 1975, p. 57).

Depois de mil aventuras, enfrentamentos de perigos, aprendizados sobre justiça e os mais diversos temas, o livro “termina” sem acabar, pois a última frase traz uma nota de rodapé em que se indica que: “A história do salvamento de tia Nastácia e das mais aventuras acontecidas vem na obra do mesmo autor – *O Minotauro*.” (LOBATO, 1975, p. 108). Mais um recurso do “contínuo” e da intratextualidade, mais uma estratégia do escritor-editor para prender seu leitor e levá-lo a novas leituras.

Uma literatura tão provocativa, que não cede a reducionismos nem trata seu leitor infantil com menosprezo (pois o entende capaz de compreender qualquer assunto, desde que devidamente explicado de acordo com seu grau de maturidade, domínio de língua e cognição) só pode encantar e provocar, ao mesmo tempo e na mesma medida. Como afirma a Marisa Lajolo:

Reconheciam-no nas ruas, pediam-lhe autógrafos, entrevistavam-no a propósito de tudo, solicitavam-lhe prefácios e cartas de apresentação; mas suas entrevistas eram proibidas em jornais e rádios do Estado Novo, que não podiam sequer mencionar-lhe o nome... Lobato era amado pelas crianças, para as quais criara o sítio de Dona Benta. Com elas se correspondia, visitava-as em escolas e bibliotecas, quando submergia em carinhos e perguntas. Mas sua obra infantil foi proibida em bibliotecas, banida de escolas públicas, queimada em colégios religiosos. A marca do escritor infantil maldito foi ficando tão forte que Lobato acabou transferindo seus títulos da Companhia Editora Nacional para a Editora Brasiliense, tanto incomodava a Octales a campanha sistemática contra os livros do seu ex-sócio... (LAJOLO, 1985, p. 77)

Pretendemos por em debate algumas ideias levantadas pela leitura de um pequeno fragmento da vasta obra infantil de Monteiro Lobato. Nosso desejo não é de modo algum esgotar interpretativamente este universo tão rico, mas justamente o contrário: revelar o inesgotável manancial de pesquisa, de encantamento que ela constitui. Por fim, deixamos as palavras de Alberto Costa e Silva que, em seu texto intitulado “Quem fomos nós no século XX: as grandes interpretações do Brasil” declara a importância de Lobato:

Ninguém exerceu influência mais profunda e mais duradoura sobre as crianças e os jovens e, portanto, sobre os adultos, no Brasil do século XX. Ainda quando nos apartamos de muitas de suas concepções, ficamos a valorização de todo tipo de trabalho, o respeito pelo fazer bem, o aguçamento do olhar crítico, a dúvida diante das ideias feitas, a recusa do conformismo, a confiança na fecundidade da ação, o desgosto com o cerceamento das opiniões e da liberdade, o sentimento de que a imaginação encharca cotidianamente a vida. O mundo é feérico, imprevisível e admirável - ele insistia em seus livros infantis, ao trazer o Sítio do Picapau Amarelo para dentro da rotina das casas brasileiras. E não cansava de dizer-nos que o país poderia ser mudado, se cada criança, ao crescer, desse a sua contribuição para modernizar a agricultura, racionalizar a exploração dos recursos minerais e criá-lo de indústrias. (COSTA E SILVA, 2000, p. 24)

Lobato lançou sua utopia e invocou como cúmplices as crianças, semeando nelas a capacidade de crescerem como adultos idealistas, mas também pragmáticos, que não deixam de crer na possibilidade de melhoria da sociedade e do ser humano, apesar de todos os obstáculos.

Referências

- BARRETO, P. Monteiro Lobato. As Reinações de Narizinho, in: *O Estado de São Paulo*, 19/12/1931. Livros Novos. (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa – UNESP – Assis).
- BORGES, Jorge Luís. Sobre os clássicos, in: *Obras Completas* (vol. 2). São Paulo: Globo, 1999.
- CAMPOS, André Vieira de. *A República do Pica-pau Amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- COSTA E SILVA, Alberto. Quem fomos nós no século XX: as grandes interpretações do Brasil, in: MOTA, Carlos Guilherme (org). *Viagem incompleta: a grande transação – a experiência brasileira*. São Paulo: Senac, 2000.
- CRESPO, Regina. *Messianismos culturais: Monteiro Lobato, José Vasconcelos e seus projetos para a nação*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1997.
- DANTAS, P. *A Presença de Lobato: coleção depoimento*. São Paulo: Editora do escritor, 1973.
- LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (orgs). *Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil*. São Paulo: Unesp/ Imprensa Oficial, 2008.
- LAJOLO, Marisa. Sociedade e literatura: parceria sedutora e problemática, in:
- LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. (volumes 1 e 2). São Paulo: Brasiliense, 1964.
- _____. O Picapau Amarelo. In: *Obra Infantil Completa de Monteiro Lobato*. Vol 2. São Paulo: Brasiliense, 1975.
- _____. A Reforma da Natureza. In: *Obra Infantil Completa de Monteiro Lobato*. Vol 8. São Paulo: Brasiliense, 1975.
- _____. Memórias da Emília. In: *Obra Infantil Completa de Monteiro Lobato*. Vol 1. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- ORLANDI, E. P. (org). *Sociedade e linguagem*. Campinas: Unicamp, 1997, p. 63-92.
- _____. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SANTOS, Elisângela da Silva. *Monteiro Lobato e seis personagens em busca da nação*. São Paulo: Unesp, 2011.